ENTRE LAGARTIXA DEFUNTA E DISCOS ENCANTADOS: A LITERATURA INFANTIL CIGANA COMO GESTO DE REPARAÇÃO SIMBÓLICA

BETWEEN A DEAD LIZARD AND ENCHANTED DISCS: GYPSY CHILDREN'S LITERATURE AS A GESTURE OF SYMBOLIC REPARATION

ENTRE LAGARTIJA MUERTA Y DISCOS ENCANTADOS: LA LITERATURA INFANTIL GITANA COMO GESTO DE REPARACIÓN SIMBÓLICA

Maria Marques[1]

RESUMO
A emergência de uma literatura infantil de temática cigana representa um importante gesto de reparação simbólica e cultural. Este artigo, fruto de pesquisa de doutorado concluída em 2023, tem como objetivo principal analisar como as narrativas infantis produzidas por e sobre crianças ciganas Calon atuam na valorização de sua identidade étnica. Contextualiza-se a infância cigana no Brasil marcada pela oralidade e pela ausência histórica de representatividade positiva nos livros infantis. A partir de uma abordagem qualitativa etnográfica, documentaram-se práticas lúdicas e histórias reais vivenciadas por meninas e meninos Calon no acampamento Mathias (RJ), as quais serviram de base para a criação de contos infantis originais. Os resultados evidenciam que tais histórias, exemplificadas por "A Lagartixa Defunta" e "Os Discos Encantados", resgatam memórias coletivas, afirmam valores culturais e contribuem para uma epistemologia própria, fortalecendo nas crianças o sentimento de pertencimento e autoestima.
PALAVRAS-CHAVE: literatura infantojuvenil; infâncias ciganas; identidade cultural; reparação simbólica; oralidade.

ABSTRACT
The emergence of Romani-themed children's literature represents an important gesture of symbolic and cultural reparation. This article, the result of doctoral research concluded in 2023, aims to analyze how children's narratives produced by and about Calon Romani children help valorize their ethnic identity. It contextualizes Romani childhood in Brazil, marked by orality and a historical absence of positive representation in children's books. Using a qualitative ethnographic approach, playful practices and real stories experienced by Calon girls and boys in the Mathias encampment (Rio de Janeiro) were documented, serving as the basis for the creation of original children's tales. The results show that such stories – exemplified by "The Dead Lizard" and "The Enchanted Discs" – recover collective memory, affirm cultural values, and contribute to a unique epistemology, strengthening children's sense of belonging and self-esteem.
KEYWORDS: children's and young adult literature; Romani childhood; cultural identity; symbolic reparation; orality.

RESUMEN
La aparición de una literatura infantil de temática gitana representa un importante gesto de reparación simbólica y cultural. Este artículo, resultado de una investigación doctoral concluida en 2023, tiene como objetivo principal analizar cómo las narrativas infantiles producidas por y sobre niños gitanos Calon actúan en la valorización de su identidad étnica. Se contextualiza la infancia gitana en Brasil, marcada por la oralidad y la ausencia histórica de representación positiva en los libros infantiles. A partir de un enfoque cualitativo etnográfico, se documentaron prácticas lúdicas e historias reales vivenciadas por niñas y niños Calon en el campamento Mathias (Río de Janeiro), que sirvieron de base para la creación de cuentos infantiles originales. Los resultados evidencian que tales historias – ejemplificadas por "La Lagartija Difunta" y "Los Discos Encantados" – rescatan la memoria colectiva, afirman los valores culturales y contribuyen a una epistemología propia, reforzando en los niños el sentimiento de pertenencia y autoestima.
PALABRAS CLAVE: literatura infantil y juvenil; infancias gitanas; identidad cultural; reparación simbólica; oralidad.

[1]Rede pública do estado do Rio de Janeiro e Pesquisadora Independente. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7760-3956

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo, derivado de pesquisa de doutorado concluída em 2023, analisa uma literatura infantil cigana Calon construída a partir da convivência etnográfica com crianças do acampamento Mathias, em Quissamã, Rio de Janeiro. Esse material é tomado aqui como *corpus* principal de interpretação.

O problema de pesquisa se organiza em torno de uma pergunta central, a saber, de que modo narrativas infantis produzidas com base em experiências lúdicas Calon, convertidas em livros infantis, reconfiguram regimes de visibilidade da infância cigana no Brasil e disputam os critérios editoriais e escolares que historicamente silenciam essas infâncias.

O objetivo geral consiste em examinar como essas obras atuam como gesto de reparação simbólica, ao afirmar pertencimento, memória e autoria infantil em um campo literário marcado por exclusões. Como objetivos específicos, buscamos delimitar quais operações estéticas e narrativas estruturam essa literatura, observar como a articulação entre oralidade, brincadeira e imagem produz modos de aprendizagem e de percepção ancorados na experiência estética. Interpretamos, ainda, de que maneira os obstáculos de circulação e recepção enfrentados por obras dessa natureza explicitam mecanismos de que denominamos "necropolítica editorial" (Marques, 2025)[2], formulada no interior da pesquisa e articulado aos dados etnográficos.

As dificuldades de publicação, edição e circulação das obras não são tratadas aqui como percurso individual, mas como material empírico que evidencia critérios e práticas de seleção e controle do campo editorial infantil, que opera por silenciamentos, distorções e apagamentos. Tais episódios são lidos como expressão situada desses mecanismos de exclusão no sistema editorial para a infância, na medida em que permitem observar como determinados temas, estéticas e infâncias são considerados inadequados, pouco vendáveis ou impróprios para a legitimidade literária e, por isso, têm sua circulação restringida ou desfigurada.

Este estudo adota abordagem qualitativa, de orientação etnográfica e analítico-interpretativa. A pesquisa de base foi realizada com observação participante em campo, registro sistemático em diários de campo e produção de fotografias como procedimento de fotoetnografia. Seu objetivo foi documentar gestos, materialidades do brincar e cenas do

[2] Os conceitos aqui empregados, (Marques, 2025), foram formulados após a tese de 2023, como desdobramentos teóricos da pesquisa etnográfica e da releitura crítica do material do doutorado.

cotidiano infantil que estruturam o que, na tese, foi conceituado como "campo-brincante, criante-brincante e criante-narrante" (Marques, 2023)[3].

O trabalho de campo ocorreu em dois momentos complementares, o primeiro período atravessado pelas restrições da pandemia, em que foram reorganizadas memórias, registros anteriores e o planejamento de retorno. O segundo, de presença continuada no acampamento Mathias, em Quissamã, no estado do Rio de Janeiro, quando a observação participante foi retomada com convivência direta junto às crianças e suas famílias.

Participaram da pesquisa crianças Calon em idade escolar e pré-escolar, além de familiares que acompanhavam o cotidiano das brincadeiras e de interlocutores adultos do acampamento. Tratou-se de interações situadas e recorrentes, sem pretensão de amostragem estatística, mas com atenção à recorrência de cenas, motivos e narrativas.

O corpus analítico deste artigo concentra-se em dois livros infantis produzidos a partir da base etnográfica da pesquisa, considerados documentos narrativos e visuais. Para evitar dispersão interpretativa, definimos essas duas obras como núcleo da análise, pois foram indicadas como mais marcantes por uma leitora mirim não cigana durante uma situação de leitura acompanhada. Esse recorte permite discutir a recepção e a inteligibilidade de marcadores identitários como Calon e Calin, além de examinar de forma mais concentrada a relação entre texto e imagem. As três demais obras permanecem como contexto de produção e horizonte comparativo, mobilizadas quando necessário para sustentar a interpretação. A seleção das cenas e passagens analisadas considerou a recorrência observada no campo, a centralidade do motivo lúdico e a capacidade de explicitar operações de autoria infantil e de "bricolagem do brincar" (Strauss, 2012).

No plano ético, foram adotados procedimentos de resguardo da identidade e de proteção das crianças. Os nomes foram substituídos nas narrativas e no texto acadêmico, e as imagens que circulam no artigo são tratadas com cautela, preservando a privacidade, com autorizações arquivadas no âmbito da pesquisa de doutorado e com uso controlado para finalidades acadêmicas. O trabalho respeita o princípio de não exposição indevida de menores e a exigência de consentimento por parte de seus responsáveis legais, além de considerar o direito à autorrepresentação e os limites do que pode ser publicizado em contextos de vulnerabilidade histórica.

[3] A pesquisa ocorreu durante a pandemia, quando a impossibilidade de retorno ao campo por quase dois anos deslocou a escrita para a memória do primeiro acampamento cigano de minha infância, dando forma a um texto de feição quase autobiográfica. No retorno ao campo, o brincar das crianças Calon orientou o recomeço da investigação e, a partir da imersão etnográfica e da análise dos dados, emergiram os conceitos de "campo-brincante", lugar escolhido pelas crianças Calon para brincar, "criante-brincante", criança que cria brincadeiras continuamente, e "criante-narrante", criança que narra e cria histórias.

Quanto ao procedimento analítico consistiu em leitura cruzada entre diários de campo, registros fotográficos e episódios narrados nos livros, articulando interpretação cultural, teoria da imagem e discussão crítica sobre circulação editorial, de modo a examinar como se constroem, se legitimam ou se bloqueiam certas infâncias no campo literário infantil.

Em relação à construção teórica, optamos pela teoria literária e pelos estudos da imagem de Santaella (2012), cuja abordagem semiótica amplia a leitura do gesto, da visualidade e da materialidade no livro infantil. Somamos a esse referencial as reflexões de Benjamin (2012) e Lévi-Strauss (2012) sobre narrativas orais e bricolagem, entre outros autores, essenciais para apreender a narrativa infantil Calon e a poética da oralidade presentes no acampamento cigano de Quissamã.

Ao dialogar com Lígia Cademartori (2010), este estudo utiliza "literatura infantojuvenil" como recorte terminológico analítico, sem atribuir essa denominação à autora. Ao tratar da literatura destinada à criança, Cademartori afirma que essa produção possibilita "a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento" (Cademartori, 2010, p. 16), indicando seu papel na formação do sujeito para além do entretenimento ou de uma função pedagógica imediata. Nesse sentido, o uso de literatura infantojuvenil neste trabalho opera como ampliação analítica desse horizonte formativo, considerando continuidades entre infância e juventude, sem perder o rigor conceitual, já que a autora emprega a denominação literatura infantil.

Almeja-se, com esta investigação, evidenciar a epistemologia do brincar como "campo-brincante" (Marques, 2023), no qual as crianças tecem coletivamente saberes. Busca-se, nesse movimento, tensionar a legitimidade editorial e abrir espaço para uma estética insurgente que desafie o cânone da infância branca. Pretende-se, também, afirmar a complementaridade entre texto e imagem, ampliando a experiência de leitura por meio do diálogo semiótico, bem como contribuir para a reparação simbólica, restituindo às infâncias Calon o direito à autorrepresentação. Espera-se, ainda, que as análises aqui desenvolvidas ofereçam subsídios para políticas culturais e educacionais voltadas à inclusão do povo cigano em projetos de leitura e na formação de educadores.

DESENVOLVIMENTO - vozes que me chamaram

> Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas. Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito. (...) Ele fez um limpamento em meus receios. O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito bem que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nadas... E se riu. (...) Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática. (Barros, 2016, p. 63).

Na maioria das vezes em que nos lançamos à escrita, evocamos Manoel de Barros (2016). A epígrafe que abre este trabalho, em que o autor confessa sua descoberta precoce de frases "doentes", reverbera quando reconhecemos em nossas próprias obras o apreço por uma literatura infantojuvenil que desafia a gramática hegemônica da beleza.

Foi sem plena consciência, mas com escuta sensível do corpo em campo, que escrevi cinco livros infantis que ainda não cabem nas teorias literárias convencionais. Não nasceram para ornamentar estantes escolares, mas para romper o silêncio que se impôs às infâncias Calon ao longo de séculos de apagamento cultural. Trata-se das primeiras obras infantis relacionadas ao grupo étnico Calon[4] publicadas.

Esses livros preservam a força espontânea do brincar e nasceram do chão do acampamento, dos olhos atentos dessas crianças, do barro, da poeira e das fitas coloridas das vestes das Calin, que desenham histórias no ar. São obras que carregam gesto político e afeto, escrever para elas e com elas.

A escrita começou quando investiguei as brincadeiras das crianças da comunidade de Mathias, em Quissamã. Da pesquisa nasceram histórias e, das narrativas, livros. São invenções forjadas a partir de restos, mitos compostos com objetos banais, uma lagartixa, um disco quebrado, que ganham vida nas mãos das "criantes-brincantes" e "criantes-narrantes" (Marques, 2023), crianças que subvertem a ordem e afirmam o direito à invenção.

Quando Manoel de Barros (2016) conta que preferia a doença das frases à sua beleza, reconheci algo semelhante em minha própria trajetória, o desejo persistente de ver essas crianças nos livros, nas escolas e nos espaços de escuta. Ao afirmar que aprendeu "agramática" com o padre Ezequiel, vi-me refletida na pedagogia que recebi no acampamento, uma pedagogia da transgressão, da delicadeza e da astúcia. Uma "agramática" herdada da comunidade Calon, que fala entre si em chibi[5] não para ocultar, mas para se proteger. Esse linguajar não se ensina, preserva-se. Assim, como o poeta aprendeu a escrever pelos desvios, aprendi a narrar pela escuta.

---

[4] Neste texto, *Calon* designa o grupo étnico cigano pesquisado. Adotamos Calon para homem cigano e Calin para mulher cigana, bem como *Gadje* para homem não cigano e *Gadjin* para mulher não cigana, mantendo essas formas no singular mesmo quando o contexto for plural. A expressão Os Calon de Quissamã refere-se a um coletivo da etnia Calon situado em Quissamã, sendo o artigo "Os" o marcador de plural, à semelhança de usos como Os Sioux e Os Navajo, em que o etnônimo permanece invariável. Entre os principais grupos étnicos ciganos, destacam-se *Rom* com presença na Europa Oriental e Ocidental, *Sinti* com presença na Alemanha, Itália e França, e *Calon*, predominante no Brasil e na América Latina.

[5] *Chibi* é a Identidade Calon: A língua é essencial para o reconhecimento de um cigano Calon. "Só é Calon quem domina o Chibi. Apesar das variações de lugares de cigano, a comunicação persiste. Sem o Chibi, não é reconhecido como cigano", destaca o interlocutor Calon, Edson Costa (Disson) do acampamento pesquisado.

Essa “agramática Calon” (grifos meus), não sistematizada e não escolar, tornou-se minha gramática de criação. A escrita que emerge desse processo não se ajusta ao cânone da literatura infantojuvenil brasileira, desde tempos remotos, estruturado para disciplinar corpos e comportamentos. Em vez disso, inscreve no campo literário o direito de crianças não brancas, não urbanas e não escolarizadas existirem em sua plenitude simbólica.

A literatura infantojuvenil brasileira organiza-se, em grande parte, em torno de padrões escolares e editoriais que silenciam experiências não brancas, periféricas ou tradicionais. Nos currículos e catálogos persiste uma infância idealizada, branca e urbana. As crianças Calon permanecem quase ausentes desse imaginário, inclusive em escolas situadas em territórios onde suas comunidades vivem.

Esse apagamento pode ser compreendido à luz da noção de “necropolítica”, desenvolvida por Achille Mbembe (2018), que descreve a produção de condições nas quais certos grupos são empurrados para zonas de morte social, privadas de reconhecimento e de futuro no espaço público. A partir desse enquadramento proponho o conceito de “necropolítica editorial” (Marques, 2025), para nomear mecanismos que regulam quais infâncias podem existir como narrativa e imagem no campo da literatura infantojuvenil.

No percurso de publicação das obras observei esse funcionamento em diferentes experiências editoriais, alterações arbitrárias de texto, intervenções nas ilustrações produzidas por artista Calon e ausência de promoção das obras publicadas. Tais práticas reforçam a ideia de que a infância Calon não se ajusta ao mercado editorial hegemônico. Entrarei em maior detalhamento dessas ocorrências no decorrer da escrita, quando tais episódios serão retomados como matéria empírica para compreender os mecanismos de exclusão que atravessam a circulação dessas narrativas.

É contra esse padrão excludente que se insurgem *A Lagartixa Defunta* e *As Aventuras das Meninas Calon e os Discos Brilhantes* (Marques, 2025). Tais obras surgiram das oralidades das crianças e foram ilustradas pelo Calon Danillo Kalón e pela Calin Alice Storm[6]. Ao contratar artistas, que vivenciaram a infância Calon e orientar as ilustrações por fotografias produzidas no campo etnográfico, a proposta inaugura um modelo de produção literária em que o livro se apresenta simultaneamente como testemunho do real, obra estética e ato político.

Essas produções instauram outra lógica narrativa. Originam-se da oralidade, do gesto e das brincadeiras cotidianas, recusando moldes moralizantes da literatura escolarizada. A

[6] Ilustradores pertencentes ao grupo étnico Calon contratados por mim.

agramática Calon molda essa forma de narrar e criar, oferecendo um espaço de liberdade linguística e imagética em que verso e traço compõem uma estética insurgente.

Ao contratar artistas que vivenciaram a infância Calon e ao orientar as ilustrações por fotografias produzidas no campo etnográfico, a proposta inaugura um modelo de produção literária no qual o livro se apresenta, ao mesmo tempo, como testemunho do real, obra estética e ato político. Conforme Santaella (2012, p. 115), "a complementaridade entre palavra e imagem atinge sua forma mais plena quando ambos os códigos se constroem mutuamente", e é essa reciprocidade que faz dessas obras exemplos de intersemiose insurgente, em que a ilustração não se subordina, mas reconfigura e amplia o texto.

Nesses livros, meninas e meninos Calon aparecem como "criantes-brincantes": inventam novas formas de mundo, brincam com lagartixas defuntas, realizam funerais improvisados, coletam discos metálicos do lixo e os transformam em portais mágicos. São também "criantes-narrantes", tecendo histórias atravessadas por repertórios rituais e reivindicações de pertencimento. Tais práticas não são improvisos ingênuos, mas atos de memória coletiva e de disputa pelo direito de existir no espaço simbólico da infância (Marques, 2023).

Essas produções não apenas inserem personagens ciganos na literatura infantil, instauram outra lógica narrativa. Redesenham a estética da infância e inauguram um regime de linguagem pautado na diversidade. Originam-se da oralidade, do gesto e das brincadeiras cotidianas, recusando moldes moralizantes da literatura escolarizada. A estrutura livre da agramática Calon moldou minha maneira de narrar e criar. Sob essa perspectiva, como a "agramática" mencionada por Manoel de Barros (2016), atribuída ao padre Ezequiel, abre-se um espaço de liberdade linguística e imagética em que verso e traço se articulam na construção de uma estética insurgente.

No entrepalavras - o povo cigano, uma breve história

A história do grupo étnico Calon no Brasil é marcada por um processo contínuo de exclusão, estigmatização e resistência cultural. Presentes no território brasileiro desde o século XVI, os Calon constituem um dos principais subgrupos da etnia cigana. Toyansky (2019) observa que a estrutura familiar e o amadurecimento precoce das crianças Calon contrastam com os ciclos de vida normatizados pela sociedade ocidental. Desse modo, há uma diferença que contribuiu para sua marginalização, o casamento precoce.

O projeto de uma nação monocultural, como apontam Batista e Goldfarb (2018), sustentou-se na negação de formas de vida não brancas, não cristãs e não urbanas. Nesse contexto, os ciganos Calon foram invisibilizados nas políticas públicas, nos currículos escolares e nos catálogos editoriais. Sua ausência em legislações voltadas à diversidade cultural, como as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008[7], expressa esse silenciamento institucional, que os relega a uma condição de subalternidade simbólica e material.

Shimura (2014) critica a forma como o termo cigano costuma ser usado como se designasse um único povo. Ao reunir Calon, Romà e Sinti numa mesma categoria, apagam-se diferenças internas que organizam a vida cotidiana, a língua e as práticas culturais.

Entre os Calon, o chibi funciona como código de proteção e identidade. O brincar livre vivido no "campo-brincante" (Marques, 2023) integra processos cotidianos de transmissão cultural. Essa perspectiva encontra ressonância no conceito de "necropolítica editorial" (Marques, 2025), que denuncia o modo como o campo literário infantil opera para excluir infâncias que não se ajustam à norma branca, disciplinada e alfabetizada.

Dou minha palavra de honra

> Já descansaram? Bem, então prestem bastante atenção porque essa história de cachorro é terrível mesmo. Não pensem que estou inventando as minhas histórias. **Dou minha palavra de honra que minhas histórias não são de mentira: aconteceram mesmo** (grifo meu). Clarice Lispector, *A Mulher que Matou os Peixes* (Ministério da Educação, FNDE, PNBE 2005, p. 11).

Clarice (2005) abre seu livro como quem chama o leitor para perto. "Já descansaram?" Então escutem, porque a história é terrível e não é invenção. Ela jura e repete o juramento, como se a verdade precisasse de uma corda a mais para não escapar, "juro por Deus", não como reza, mas como selo de confiança e um pedido de crédito ao ouvido de meninos e meninas. Nesse gesto, o juramento vira pacto, a palavra se compromete com o acontecido e recusa a mentira como método. É nessa mesma chave que afirmo minha escrita com as crianças Calon, não como fantasia, mas como relato colhido no convívio, porque também levo a sério quem lê, e por isso não engano.

[7] As Leis nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e nº 11.645, de 10 de março de 2008, alteram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e tornam obrigatório, no currículo oficial da educação básica, o ensino de história e cultura afro brasileira e africana. A Lei nº 11.645, de 2008, amplia a determinação anterior ao incluir também a história e cultura dos povos indígenas, orientando práticas pedagógicas e conteúdos voltados ao enfrentamento do racismo e à valorização da diversidade histórica e cultural brasileira.

A autora em “A mulher que matou os peixes”, atreve-se a dizer a verdade dentro do espaço da literatura infantojuvenil. Confessa que esqueceu um cachorro ao mudar de país, que viu outro ser dilacerado por três cães maiores, que criava um mico arrancado da mata. E ninguém tentou impedi-la. Se uma escritora consagrada, que não se dedicava exclusivamente à literatura infantojuvenil, pôde dizer que suas histórias eram verdadeiras, por que eu, pesquisadora e escutadora de infâncias ciganas Calon, não poderia?

As obras que escrevi com e para as crianças Calon se afastam deliberadamente da onisciência, voz autoritária que, com frequência, organiza a literatura infantojuvenil. Ao recusar esse ponto de vista, ao mesmo tempo consagrado e desigual, o texto se orienta para a escuta, para a dúvida e para o inacabado. Dialogamos com Lajolo e Zilberman (2018), quando a narrativa permite que apareçam as hesitações do narrador, ela reduz a assimetria entre o adulto que escreve e a criança que lê. É nesse intervalo, entre autoria e escuta, que essa literatura se inscreve, não para impor lições, mas para compartilhar mundos.

A literatura infantojuvenil brasileira, conforme analisada por Lajolo e Zilberman (2018), constitui um campo literário marcado por tensões entre o mercado editorial, os projetos pedagógicos escolares e a busca por uma expressão estética própria. As autoras evidenciam que esse gênero literário foi, historicamente, marginalizado nos circuitos críticos e acadêmicos, em razão de uma associação direta entre o valor simbólico da obra e o público a que se destina. “Como se a menoridade de seu público a contagiasse, a literatura infantojuvenilcostuma ser encarada como produção cultural inferior” (Lajolo e Zilberman, 2018, p. 11). No entanto, é nesse espaço de interseção entre marginalidade e potência criadora que se insere a produção literária voltada às infâncias Calon.

Depois de tecer as primeiras narrativas inspiradas nas infâncias do acampamento Mathias, em Quissamã, RJ, fui percebendo, quase com surpresa, que aquelas histórias também falavam para as outras crianças leitoras. Falavam com delicadeza, com brechas, com riso e com silêncio. Como ocorre na obra de Clarice Lispector para o público infantil, que conheci tardiamente, apesar de minha trajetória como professora de literatura, encontra-se ali uma escrita que não subestima a criança, não a modela segundo expectativas adultas, mas a reconhece como interlocutora plena. Não me envergonho de ter descoberto esse outro lado Clariciano só depois de escrever minhas próprias histórias. Ao contrário, isso confirma que também a escrita pode ser um lugar de iniciação e não de chegada.

No início de 2024, abri essa trilha na literatura infantojuvenil fazendo das crianças Calon palavra e presença. Cada título germinou do convívio diário, como semente colhida no chão do acampamento. O campo etnográfico, em vez de silêncio, devolveu-me livros. Eu

observava as suas brincadeiras e, apesar da minha idade, entrava nas rodas, corria, improvisava funerais de lagartixas, ajudava a recolher discos metálicos e transformá-los em portais mágicos. Enquanto participava, registrava cada gesto por meio de fotografias e vídeos. Por isso, as histórias preservam a memória visual e afetiva daquele brincar compartilhado, reafirmando a autoria coletiva que sustentou o projeto.

Já mencionei isso em outros escritos[8], mas é preciso repetir. Minha primeira obra, não custeada por mim, sofreu cortes. Quase tudo o que eu desejava dizer com verdade e inteireza foi suprimido. O que era memória viva, fala partilhada, corpo no chão do acampamento, virou apenas sugestão para "outros gêneros", como disse o editor. "Escreva isso em textos acadêmicos", sugeriu. Foi então que compreendi que, para escrever com verdade, da maneira que a oralidade Calon me ensinou, eu teria que custear o projeto, e desse ponto de vista, segui adiante.

E, como Clarice (2005), assumi que o que escrevo "não é ficção disfarçada". São histórias reais, como a de duas crianças Calon que, no acampamento Mathias, simulavam a venda de carros de luxo. Em narrativas e simulações de direção, elas reproduziam os modos de negociação que viam em seus pais. Esse enredo se encontra na primeira obra. Eram infâncias que aprendiam a arte da barganha com a mesma naturalidade com que desenhavam no chão. Crianças que, ao brincar, constroem narrativas próprias, tecem mundo, projetam pertencimentos.

De acordo com a perspectiva apresentada por Lajolo e Zilberman (2018), a literatura infantojuvenil consolida-se como um gênero de linguagem, temáticas e estruturas narrativas singulares. Com frequência, esse gênero se associa à oralidade, à poesia e à metalinguagem. As obras das crianças Calon inserem-se nesse processo ao trazer para o primeiro plano narrativo suas infâncias, seus saberes, gestos, brincadeiras e modos de viver, articulando essas dimensões a procedimentos metalinguísticos e autorreflexivos.

Os textos aproximam-se da escrita de Clarice Lispector (2005) porque incorporam hesitações, interrogações e recursos de suspensão narrativa, que desestabilizam a autoridade do narrador e instauram um pacto horizontal com o leitor. Como afirmam Lajolo e Zilberman (2018, p. 161), "as histórias fundadas no imaginário reencontram seu espaço [...] reaproveitando inovadoramente elementos de lendas brasileiras e assuntos regionais". Esse movimento se verifica na forma como construímos narrativas ancoradas em saberes culturais Calon.

[8] Refiro-me ao texto aceito pelo Congresso da RAM Reunião de Antropologia do Mercosul.

No processo narrativo, observa-se o abandono de uma linearidade típica da literatura infantojuvenil que sempre foi imposta. A construção textual se dá a partir do tempo experienciado pelas crianças Calon, que possui lógica, ritmo e imaginário próprios. A metalinguagem presente nas histórias infantis de crianças Calon não se limita à dimensão formal, mas atua como estratégia política que denuncia o apagamento simbólico e histórico das infâncias não-hegemônicas.

A literatura dedicada às infâncias Calon rompe com funções tradicionais da lliteratura infantojuvenil, desafiando padrões históricos e vinculada à formação moral e nacionalista, para uma perspectiva crítica e contra-hegemônica. Conforme as autoras, a literatura infantil[9]contemporânea busca romper com os padrões escolares e incorporar vozes, linguagens e experiências há muito tempo marginalizados. A escrita baseada em registros etnográficos reais, longe de assumir um papel pedagógico convencional, atua como documento de existência, resistência e autoria de comunidades tradicionais.

Leitora-mirim não cigana

A palavra *Calon*, no idioma chibi, falado por membros desse grupo étnico no Brasil, é uma autodenominação utilizada pelos participantes da pesquisa. Em português, recorre-se com frequência ao termo *cigano*, ainda que carregue marcas históricas de estigmatização. Segundo Vilar (2020), que estudou os Calon brasileiros escrevendo em alemão, essas duas designações, *Calon* e *cigano*, podem ser compreendidas como sinônimas no uso cotidiano, embora o termo *Calon* seja reservado principalmente às trocas entre pares. Já em contextos públicos e institucionais, especialmente diante de interlocutores não ciganos, prevalece o uso do termo *cigano*, por sua maior difusão social. No chibi, há ainda a palavra Rom, que significa "homem" ou "marido", mas seu uso público entre os Calon é raro, senão inexistente. Vale ressaltar que, em Mathias, desconheciam outros grupos étnicos.

Internamente, os Calon também utilizam expressões específicas para se referirem aos não ciganos. Palavras como *Juron*, *Gajon* e *Brasileiro* compõem um vocabulário de distinção simbólica que delimita fronteiras étnicas e identitárias, revelando um sistema de classificação que resiste ao apagamento cultural (Vilar, 2020, p. 11, grifos do autor)[10].

[9] Lajolo e Zilberman (2018), consolida a literatura infantil como categoria de análise pertinente para pensar a produção destinada às crianças

[10] Esse fragmento foi traduzido por mim, com o auxílio da plataforma DeepL Translator (https://www.deepl.com), preservando o sentido original do texto com adaptação acadêmica ao contexto da pesquisa.

É importante mencionar que os Calon foram o primeiro grupo de etnia cigana a chegar ao Brasil, em 1574 (Teixeira, 2007). Mais de quatro séculos depois, a invisibilidade sobre sua existência, suas línguas e suas práticas culturais ainda persiste. O reconhecimento da palavra *Calon* como marcador legítimo de identidade é, portanto, um processo lento, que exige escuta, presença e, sobretudo, ruptura com os paradigmas que reduziram essa coletividade a uma figura genérica, exótica e estereotipada, o *cigano*, desprovido de história e de autoria.

A invisibilidade do termo *Calon* fora dos círculos internos se confirma em episódios de recepção das obras infantis pela leitora mirim não cigana[11]. Quando Ester, ao folhear os livros, perguntou-me, "Tia, não entendi bem o que é Calon e Calin. É cigano? Só pelas capas que deu para diferenciar", revelava-se ali a distância simbólica que ainda separa o grupo Calon do reconhecimento público. Mesmo após a leitura das cinco obras, essa jovem leitora retornava à nomenclatura hegemônica, ao termo *cigano*, sinalizando que o termo *Calon* ainda está ausente do vocabulário social e escolar.

FIGURA 01 – O vidro como caixão funeral da lagartixa



Fonte: Acervo pessoal da autora

A ilustração remete ao cotidiano do acampamento, com crianças e adultos em circulação, brincadeiras no chão batido e pipas ao fundo.

Curiosamente, a menina não cigana ao ser questionada sobre qual livro mais lhe tocou, respondeu sem hesitar, "A Lagartixa Defunta". Justificou que gostou porque, "mesmo sendo um animal pequeno, as crianças ciganas Calon lhe atribuíram sentido. Eu fiquei sabendo do ritual de morte dos ciganos".

Na narrativa, descrevo práticas fúnebres Calon como um rito de passagem marcado pelo fogo. Em determinados contextos, as barracas do finado podem ser incendiadas com os seus pertences, de modo a não deixar nada que possa ficar para trás, como se a pessoa levasse consigo cada objeto em sua jornada. Esse gesto, ao mesmo tempo simbólico e purificador,

[11] Ester Lins de Oliveira, 8 anos.

impede qualquer apropriação ou profanação dos bens do morto, reforçando o caráter sacro do espaço envolvido e a transição entre o mundo dos vivos e o dos ancestrais.

A resposta de Ester revela dois pontos centrais. Primeiro, evidencia a capacidade simbólica das crianças Calon de atribuir sentido àquilo que é frequentemente considerado banal ou sem valor pela cultura dominante. Segundo, indica o impacto que essas narrativas podem produzir, ao romper o silêncio sobre rituais, afetos e modos de vida historicamente estigmatizados.

Walter Benjamin (2012, p. 47) afirma que o conto de fadas é o primeiro conselheiro da humanidade e, por isso, reconhece na narrativa uma forma de orientar a vida quando já não se encontra um conselho disponível no cotidiano. Nessa perspectiva, o contador de histórias não entretém apenas, ele partilha experiência e faz circular um saber que se transmite pela palavra, pela cena e pela memória. Nas escritas da infância de Quissamã, não se pretende oferecer uma moral explícita, nem transformar a literatura infantojuvenil em lição, mas assumir que narrar é um modo de produzir orientação ética sem prescrição, porque o conselho emerge do vivido e não de uma regra abstrata.

É nesse sentido que a proposta de escrever a partir das experiências das crianças Calon de Quissamã se aproxima da ideia benjaminiana, ao tratar o texto como restituição de mundos, e não como embelezamento. Trata-se, de fato, de registros etnográficos ilustrados, atravessados por narrativa, cuja sustentação está no que nomeei “epistemologia infanto ciganóloga” (Marques, 2025), entendida como um modo de conhecer que se produz na escuta sensível do acampamento. Por isso, essa escrita reabre possibilidades de presença e de narrativa para infâncias reiteradamente empurradas às margens.

FIGURA 02 - Preparação para o ritual do enterro da lagartixa



Fonte: Acervo pessoal da autora

A imagem registra crianças Calon do acampamento Mathias, agachadas ao redor de um pequeno buraco aberto no chão de terra. Nessa cena, o sepultamento da lagartixa aparece como um gesto coletivo em que se entrelaçam cuidado, brincadeira e ritualidade.

Longe de reforçar o imaginário folclorizado e místico, frequentemente atrelado aos ciganos em livros, sites e discursos que os reduzem à caricatura do exótico, esse projeto literário se compromete com a restituição de uma imagem complexa, cotidiana e concreta. Uma infância que brinca, dança, inventa e conta. Uma infância que resiste. Nesse sentido, a literatura se transforma em ferramenta de enfrentamento daquilo que denomino "necropolítica criante-brincante e narrante" (Marques, 2025)[12], um regime simbólico de exclusão que age não apenas pela omissão, mas pela negação de autoria às infâncias que não cabem nos moldes da escola, da branquitude ou da linearidade textual.

Integração orgânica entre texto e imagem na visão de uma leitora não cigana

"Tia, as imagens da *Lagartixa Defunta*, o Danillo fez como se fosse pra criança de uns dez anos. As imagens da Alice... eu acho que são mais detalhadas e mais realistas". Foi com essa observação precisa que Ester, aspirante a ilustradora e leitora atenta, descreveu as ilustrações dos livros Calon. Seu comentário, sem cunho acadêmico, revela uma leitura estética apurada e, sobretudo, o impacto que a imagem exerce na formação do olhar infantil. De modo curioso, Ester não mencionou o primeiro livro, publicado em 2024, talvez porque ali as imagens ainda não tivessem atingido a força semiótica que as obras posteriores conquistaram com a parceria dos artistas Calon.

Lévi-Strauss (2012, p. 36) nos ajuda a compreender essa potência, ao afirmar que a imagem, mesmo estática, pode "coabitar com a ideia no interior de um signo". Ela funciona como negativo de um conceito ainda em gestação. É esse pensamento que orienta o gesto narrativo de nossas quatro publicações, criar imagens literárias das crianças Calon, que não sejam cópias miméticas, mas dispositivos simbólicos que anunciem sentidos soterrados pela cultura dominante. A menina Calin ou o menino Calon, tal como surgem na narrativa, não são simples personagens, são signos precursores e visibilidades que preparam o terreno para um novo conceito da literatura infantojuvenil.

Essa elaboração poética e política da imagem literária, desenhada ou escrita, é reforçada por outra afirmação de Lévi-Strauss (2012, p. 301), "a história nunca é a história, mas a história-para". Toda narrativa, portanto, é atravessada por um ponto de vista, por um código cultural e por escolhas éticas. O projeto de escrita com e para as crianças Calon não

[12] "Necropolítica criante-brincante e narrante", trata-se de uma política simbólica de morte e silenciamento que opera nos campos editorial, escolar e institucional, negando às infâncias racializadas o direito à autoria, à memória e à visibilidade narrativa (Marques, 2025).

busca uma representação totalizante de suas infâncias. Ao contrário, assume-se como gesto parcial, situado, afetivo e responsável. São histórias para as crianças Calon que desejam se ver nas páginas dos livros, para educadores que ainda não enxergaram essas infâncias, para leitores que queiram ouvir o que os silêncios ensinam.

Nessa perspectiva, não há neutralidade na escrita. Cada livro é uma decisão estética e política. A literatura não é ornamento, é instrumento de restituição simbólica e de escuta comprometida. A imagem, como já nos disse Ester, por seu modo de falar, não está ali para embelezar o texto, mas para disputar o espaço do visível, porque nas narrativas, as infâncias Calon não são representadas, elas narram, existem e resistem.

Escrevi os textos, depois de observar, fotografar, filmar e, sobretudo, brincar com as crianças Calon. Revendo as imagens e rindo ao recordar os detalhes, convertia cenas, falas e gestos em narrativa. Como observa Ester, a imagem intervém no que pode ser visto, reconhecido e lembrado. Por isso, nas páginas, as infâncias Calon não são apenas descritas, elas ganham voz, se fazem presença e não se deixam apagar, ainda que a autoria formal permaneça minha.

A produção de obras a partir da escuta e da oralidade das infâncias Calon exige uma integração orgânica entre texto e imagem, não se trata de ilustração decorativa, mas de um diálogo narrativo no qual palavra e figura compartilham a função epistêmica. Essa perspectiva converge com Santaella (2012), que reconhece no livro ilustrado o primeiro meio a acolher "os intercâmbios de palavra e imagem" (Santaella, 2012, p. 107).

Ao mesmo tempo, dialoga com as reflexões de Freitas e Rodrigues (2024), para quem o cabelo crespo e o corpo negro, quando representados na literatura infantojuvenil, podem romper a lógica de dominação e afirmar identidades positivas, ainda que enfrentem resistências em ambientes escolares não preparados para desafiar o racismo. Desse ponto de vista, a narrativa das crianças ciganas Calon não apenas representa, ela preserva memórias culturais racializadas e silenciadas, oferecendo às crianças leitoras imagens cotidianas e resistentes que contrapõem o imaginário místico e folclorizado.

Nas obras produzidas com base no campo etnográfico, a imagem atua como extensão do gesto narrativo das crianças. As expressões, os ambientes, os objetos e os corpos infantis Calon não são apenas representações visuais, mas documentos simbólicos de uma infância específica. Conforme Santaella (2012, p. 113), "a imagem pode ilustrar um texto, mas também pode dominá-lo, contradizê-lo ou complementá-lo". Nas obras em questão, a opção é por uma complementaridade equilibrada, em que as imagens revelam dimensões que o texto

não alcança verbalmente, especialmente as nuances gestuais, o brilho dos olhos ao brincar e o cenário material do "campo-brincante" (Marques, 2023).

As secretarias de Educação nos arredores do campo etnográfico

Muitas vezes enfrento preconceitos sempre que menciono minhas obras. Muitos supõem que os livros trarão narrativas religiosas e, antes mesmo de folheá-los, reduzem o povo cigano a uma definição fundada no misticismo. Em seguida, sou levada a explicar que se tratam de obras voltadas para uma minoria por longo tempo marginalizada, cuja presença pública tem sido atravessada por estereótipos persistentes.

O problema que permanece, no entanto, é a força de um repertório místico que segue orientando olhares e expectativas, como se os grupos étnicos ciganos mantivessem uma religiosidade isolada, exótica ou exclusiva. Essa representação reduz a complexidade de suas práticas culturais e de suas espiritualidades diversas, além de reforçar estereótipos que os mantêm à margem da compreensão social e acadêmica.

Ao deslocar o olhar do folclore para o cotidiano, a literatura Calon restitui uma imagem comum e resistente dessas crianças. Com isso, rompe com a leitura exotizante que costuma ser atribuída a elas. Ao reivindicar autoria, linguagem e centralidade para infâncias que escapam aos padrões escolares brancos, o projeto confronta o silenciamento editorial e a seletividade do que é aceito como tema legítimo no campo da narrativa das crianças Calon.

Esse enquadramento produz efeitos concretos. Percebe-se o afastamento de leitores, a hesitação de editoras em divulgar as obras e a manutenção de barreiras institucionais que restringem a circulação dessas narrativas. É nessa tensão que reconheço uma forma de negação da visibilidade, pois ela também se materializa quando vejo meus exemplares permanecerem encaixotados em meu escritório, à espera de acesso, leitura e reconhecimento público.

Foi com esse horizonte ético e político que, em 2024, propus às secretarias municipais de Educação de Quissamã e Carapebus, municípios do Rio de Janeiro, um projeto pedagógico voltado à formação de professores, ancorado na leitura das obras e na compreensão da cultura Calon. A proposição não era apenas inserir livros em sala de aula, mas romper com o silenciamento sistemático dessas infâncias, que permanecem invisíveis nos currículos e nas práticas pedagógicas. O objetivo era afirmar que essas crianças não constituem matéria de ficção, mas presença. Carregam saberes e produzem narrativas. Embora esses lugares tenham sido o *lócus* da pesquisa, não houve contato posterior, nem interesse.

Como as histórias são reais e foram vividas em campo etnográfico nesses lugares, elas se aproximam da crônica, porque registram o cotidiano e trabalham com cenas, gestos e falas que emergem da convivência. Ao diferenciar o cronista do historiador, Benjamin (2012, p. 38) afirma que o primeiro não se preocupa em encadear com precisão fatos determinados, "mas limita sua tarefa a descrever como eles se inserem na trama insondável do curso do mundo". Essa formulação dialoga com a literatura infantojuvenil produzida a partir da vivência Calon, pois os livros não se orientam a explicar a infância cigana para o olhar da sociedade majoritária. Eles buscam narrar essa infância tal como ela se apresenta, em movimento, em variação e em reinvenção contínua. Nesse sentido, as obras se inscrevem no terreno da crônica pedagógica e antropológica, e não na lógica de uma historiografia expositiva.

As imagens - registros com fidelidade e ética

FIGURA 03 - As crianças Calon limpam o "campo-brincante"



Fonte: Acervo pessoal do autor

A imagem mostra as crianças puxando o saco de lixo cheio de CDs, descartado pela mãe de outra menina, Yara. Tudo o que vi, presenciei e ouvi está na obra e foi registrado com fidelidade e respeito. A única modificação realizada nas obras literárias foi a substituição dos nomes das personagens, para resguardar a privacidade das crianças.

Narrar essas histórias com o ritmo, as pausas e os gestos que aprendi com elas é um gesto de autoria, mas também um ato de escuta atenta e de compromisso com uma memória coletiva que ainda permanece na invisibilidade. Essas narrativas não se conformam ao molde da literatura infantojuvenil escolarizada. Elas transbordam, deslocam, tensionam e, ao fazê-lo, reivindicam o direito de existir como palavra e presença.

FIGURA 04 - A menina Calin segura um CD



Fonte: Acervo pessoal do autor

Na página 7, a cena apresenta a personagem inspirada na menina Calin Mirela encontrando CDs entre sacos de lixo[13]. A imagem retrata uma criança agachada, com chupeta e vestida com trajes tradicionais coloridos, em gesto de descoberta. A presença da chupeta reforça a dimensão infantil da cena e contribui para sua verossimilhança.

Esse cenário, na narrativa, ativa a discussão sobre a *bricolagem simbólica* proposta por Lévi-Strauss (2012). Em diálogo com o autor, essa formulação é deslocada para o campo do brincar e nomeada "bricolagem do brincar" (Marques, 2025), entendida como um fazer poético com o que está à mão. Trata-se de uma epistemologia sensível que nasce do gesto, da observação e da reinvenção cotidiana.

A construção iconográfica dessas obras infantis emerge de um gesto intencional de ancoragem identitária. Como observa Santaella (2012, p. 107), "a imagem é polissêmica […] e por isso precisa ser modificada, especificada, enfim, explicada por uma mensagem verbal". No universo da literatura infantojuvenil Calon, essa mediação não empobrece o visual, mas o potencializa. A importância dessa abordagem reside em revelar com fidelidade a riqueza da cultura Calon do acampamento Mathias, em Quissamã. Tornam-se visíveis saberes, práticas e modos de ser que raramente aparecem no campo editorial. Desse modo, palavra e imagem constroem juntas uma narrativa situada.

Essa relação entre texto e imagem vai além de uma composição formal. Santaella (2012, p. 115) afirma que "a complementaridade entre ambos pode ser percebida [...] quando os conteúdos de imagem e palavra utilizam os variados potenciais de expressão de ambas as linguagens". As obras produzidas a partir da escuta das crianças Calon constituem, por isso, criações intersemióticas. As imagens não apenas acompanham o texto, elas o desafiam e o enriquecem, transformando-se em extensões narrativas que traduzem a escuta em cor, traço e

[13] Referimos à narrativa: *As aventuras das meninas ciganas Calin e os discos encantados*. Ilustrações da Calin. Alice Storm.

forma. Desse modo, ampliam o campo expressivo da narrativa e inscrevem visualmente a infância Calon.

Essas propostas literárias não pretendem representar as diversas experiências Calon em sua totalidade. Buscam construir uma narrativa situada, enraizada nas relações do campo etnográfico quissamaense. As histórias emergem da realidade compartilhada entre a pesquisadora e a comunidade.

Vivenciei, em três editoras, práticas editoriais dominantes que subestimam o poder simbólico da imagem e da narrativa insurgente. Nesses contextos, a imagem nos livros infantis é frequentemente reduzida a mero ornamento ou apelo mercadológico. Essa lógica é frontalmente contestada pelas obras construídas a partir da escuta das crianças Calon.

Nessas produções, a imagem não adorna nem distrai. Ela testemunha o vivido e participa do processo narrativo. Mostra o que foi vivido com fidelidade, dignidade e escuta atenta ao cotidiano da infância Calon.

Na primeira editora, o livro foi moldado ao gosto do editor, tanto em texto quanto em imagem, negando as escolhas estéticas da pesquisa. Na segunda, o encaixe entre imagem e narrativa foi incompreendido, e o compêndio *A Lagartixa Defunta* (Marques, 2025) foi montado sem considerar sua lógica visual. A terceira editora, apesar do contrato assinado e da organização das obras, omitiu-se na divulgação.

Esses episódios, à luz da noção de *necropolítica* formulada por Mbembe (2018), constituem o que denomino "necropolítica editorial" (Marques, 2025). Trata-se de um conjunto de decisões simbólicas e institucionais que silenciam narrativas não hegemônicas antes mesmo de sua circulação. Para tanto, certas experiências são apagadas do campo da disputa literária.

Santaella (2012, p. 114) já advertia que "quando as imagens possuem uma função meramente decorativa [...] podem diminuir a capacidade de memorização". Nos compêndios construídos a partir da vivência em Quissamã, a imagem reforça a memória e amplia a aprendizagem. As obras tornam-se, portanto, prova da presença e da escuta.

“Necropolítica do sensível” às infâncias não hegemônicas

FIGURA 05: Família Calon que observam seus filhos a brincar



Fonte: Acervo pessoal do autor

A imagem, nas obras infantis Calon, não atua como mero adorno gráfico, mas como vestígio etnográfico e índice de vivência. Funciona, tal como o arquivo analisado por Lévi-Strauss (2012), evocando a experiência do campo por meio de sua força simbólica. Conforme observa Santaella (2012, p. 115), “a complementaridade pode ocorrer quando ambas as fontes de informação [...] são importantes para se compreender o significado global da mensagem”.

Essa complementaridade transforma a narrativa visual em narrativa pública de memória. O relato da infância Calon prolonga a experiência por meio das cores, dos gestos e das formas, reunindo imagem e palavra em uma mesma tessitura narrativa. Trata-se de um processo de transcrição do vivido, no qual a literatura infantojuvenil deixa de apenas representar e passa a disputar presença no campo da visibilidade.

Nesse movimento, surge o conceito de “necropolítica do sensível” [14](Marques, 2025), formulado como crítica ao apagamento simbólico que nega às infâncias racializadas e não hegemônicas o direito de aparecer com complexidade, emoção e humanidade. Tal formulação evidencia como certos grupos são mantidos à margem não apenas por exclusão explícita, mas também por mecanismos simbólicos de silenciamento. Portanto, a estética torna-se também um campo de disputa política.

O desenho em que os pais observam, à distância, as brincadeiras das crianças revela uma pedagogia silenciosa, mas profundamente ativa. Essa representação discreta traduz uma lógica educativa Calon na qual o brincar se afirma como dimensão fundamental da infância. A

[14] O conceito de *necropolítica do sensível* amplia a noção de necropolítica para o campo da linguagem, da estética e da imaginação. Inspirado em Mbembe (2018) e Rancière (2005), denuncia os filtros simbólicos, como gosto, curadoria e adequação, que silenciam infâncias racializadas e não hegemônicas, impedindo que sejam reconhecidas como sujeitos válidos no território da literatura. Trata-se de uma morte simbólica que atua sobre quem pode ser sentido, lido e imaginado como digno de presença. Conforme discutido em comunicação aprovada para o Congresso da RAM (Marques, 2025).

presença dos adultos, ainda que distante, rompe com os estereótipos coloniais que leem comunidades tradicionais como negligentes.

Como documenta Marques (2023), "a infância Calon é tratada com reverência e sendo reconhecida como um tempo sagrado da vida, ainda que seus ritmos não coincidam com os tempos da infância escolarizada". A literatura que emerge dessas experiências preserva esse reconhecimento simbólico da infância. Desse modo, narrar essas cenas significa também registrar modos de viver e de educar.

Essas imagens evidenciam a potência estética, ética e política das obras. Ao permitir que as crianças apareçam em sua verdade cotidiana, a literatura infantojuvenil Calon evita a romantização e sustenta o valor humano dessas experiências. A criança não aparece como metáfora de um povo, mas como sujeito pleno de direitos, de contradições e de potência narrativa.

Trata-se, portanto, de uma ruptura com a lógica da "menoridade editorial" da literatura infantil, como descrevem Lajolo e Zilberman (2018). Ao ceder lugar à voz das crianças e ao trabalhar com ilustradores da própria etnia, a produção das obras desloca centros de poder no campo editorial. Texto e imagem, em reciprocidade, insurgem-se contra o apagamento e propõem uma literatura de presença, na qual narrar e ilustrar se tornam formas de reparação e reconhecimento.

A palavra "Calon", referência, estética, ética e política

Na fase de fechamento da argumentação, ainda com pontos a desenvolver, este texto não busca concluir uma experiência, mas potencializar seus efeitos e reverberações. O percurso trilhado com as crianças Calon, na materialidade do "campo-brincante" (Marques, 2023), não se encerra com os livros produzidos. Ao contrário, esses livros abrem uma literatura cigana Calon que nasce da escuta, da partilha e da desobediência estética.

As obras construídas a partir do cotidiano dessas crianças não têm como objetivo oferecer uma representação totalizante de uma cultura. Elas constituem representações gráficas e narrativas produzidas a partir das infâncias desse povo. Articulam-se a afirmações políticas de que essas infâncias existem e recusam o silêncio imposto por normas escolares e critérios editoriais.

São alguns dos primeiros livros publicados sobre a infância Calon e exigem ser lidos e manuseados. Impõem-se como necessidade ética e urgência histórica. Aparecem como

proposta estética que desafia os limites do mercado, da pedagogia formal e da literatura infantojuvenil hegemônica.

A intenção destes escritos não é vender nem promover minhas obras para me projetar nos meios acadêmicos. O que me move é fazer circular, em qualquer escola, uma literatura que devolva às crianças ciganas Calon o direito de serem lidas. Tenho exemplares encaixotados em meu escritório e levei propostas a secretarias de educação, tentando transformar pesquisa em encontro e livro em prática pedagógica.

O que encontrei, porém, foram frases que funcionam como carimbos de indeferimento. Ali o preconceito aparece como rotina administrativa e como recusa antecipada de escutar. Nesses momentos compreende-se que o silêncio também é uma forma de política.

As obras que surgiram da vivência no acampamento não foram feitas para caber em prateleiras organizadas por idade ou por gênero textual. Foram feitas para revelar a potência de uma infância que insiste em existir mesmo quando o mundo insiste em apagá-la. São livros que não ensinam lições, mas revelam mundos.

Ao transformar gestos, cenas, falas e rituais das crianças em narrativas visuais e textuais, reorganiza-se o campo da literatura infantojuvenil brasileira a partir de outra centralidade. Não há aqui a figura onisciente do narrador adulto que explica tudo ao leitor. Há dúvidas, hesitações e uma nova lógica de narrar.

Esses habitantes do "campo-brincante" (Marques, 2023) não aparecem apenas como personagens. São autores, artistas e cocriadores de um campo narrativo em que o cotidiano vira fabulação e a memória vira política. Ao inserir suas vozes em livros infantis rompe-se com a ideia de que literatura é apenas ficção controlada.

Esses livros tornam-se documentos vivos de uma experiência coletiva que insiste em existir. A infância cigana do grupo étnico Calon, tantas vezes situada à margem, aparece aqui como centro. Ao fazê-lo, desloca as bases simbólicas do que se entende por infância literária. Essa resistência se revela em gestos aparentemente pequenos, mas profundamente simbólicos. Está na decisão de manter a fala da criança tal como foi ouvida e no cuidado de não transformar rituais em enredos exóticos. Está também na recusa em adaptar a narrativa às expectativas de um mercado que não sabe escutar o que não reconhece como próprio.

Ao construir registros narrativos fora das normas editoriais dominantes assume-se o risco do desencaixe. Mas é justamente nesse desencaixe que habita a potência política dessas obras. Elas não se pretendem universais, pois são localizadas, situadas e enraizadas em uma experiência concreta de convivência.

O conceito de “epistemologia infanto-ciganóloga” (Marques, 2025) designa um regime de saber ancorado na experiência das crianças Calon. Essa epistemologia reconhece as crianças como produtoras de conhecimento por meio da oralidade, da brincadeira e da resistência cultural. Ao fazê-lo, confronta as matrizes eurocentradas que organizam o currículo escolar e a literatura infantojuvenil dominante.

A palavra Calon, antes restrita a círculos íntimos, afirma-se aqui como referência estética, ética e política. O uso desse nome nas capas e nas histórias revela o esforço de retirar da clandestinidade simbólica uma comunidade silenciada pela história do país. Narrar com o nome que se escolheu para si é também afirmar a dignidade de uma identidade negada. Essa literatura não romantiza o cotidiano Calon. Ela reúne, com honestidade e sobriedade, a vida como ela é, múltipla e inventiva. Mostra que o brincar não é passatempo, mas criação de mundo.

Cada obra publicada torna-se um testemunho de escuta. Esses livros não foram escritos para explicar os Calon aos não Calon. Foram escritos para que os próprios Calon se vejam, se reconheçam e se orgulhem.

Gestos de encerramento, não de fim

Ao final deste processo, resta a certeza de que esses livros, quando se orientam pela escuta de infâncias silenciadas, podem se tornar uma forma de reparação. Não a completam, não apagam a dor nem corrigem o que se passou, mas uma reparação possível, feita de palavras, imagens e gestos, e consciente da importância de uma minoria. Esses registros merecem estar nos livros das escolas. Têm o direito de contar sua história, sendo as próprias crianças Calon.

Essas histórias não pedem perdão por existirem. Elas necessitam de espaço e o reivindicam, exigem ser escutadas. Clamam por leitores dispostos a se desarmar, a abandonar seus filtros, a se deixar tocar por infâncias que não cabem nos padrões eurocêntricos de infância idealizada. Requerem educadores que reconheçam a potência do “campo-brincante” (Marques, 2023) como espaço de produção de saberes, editores que compreendam que o “não vendável” (grifos meus) pode ser o que há de mais necessário. Demandam por políticas públicas que garantam o direito de toda criança, de qualquer origem, de se ver representada com dignidade.

Por tudo isso, a literatura infantojuvenil cigana Calon não é apenas uma proposta editorial. É um projeto político, estético e educativo. É uma afirmação de que a infância é

plural e de que cada infância tem o direito de narrar o que precisa ser narrado e de que o mundo em que essas crianças brincam, com seus CDs encantados, suas lagartixas defuntas e seus carros invisíveis é um mundo completo. Trata-se de um mundo em que o brincar é forma de pensar, falar é forma de existir e calar não é uma opção.

Como escreveu Manoel de Barros (2016), o gosto por “nadas" talvez seja mesmo um destino, mas, neste caso, esses “nadas” são tudo, são corpos infantis Calon brincando, palavras inventadas, rituais de despedida e desenhos feitos no chão. Então proponho que esse gosto siga nos guiando, que continuemos a escrever no chão de barro das infâncias Calon, com a poeira das danças, com a tinta invisível da escuta. Essas obras são, enfim, uma forma de dizer que estamos aqui, brincando, criando, resistindo, narrando, e não aceitaremos mais o silenciamento.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **O Livro das ignorãças.** Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BATISTA, Mércia Rejane Rangel; GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes (Orgs.). Dossiê Ciganos no Brasil: um exercício de comparação etnográfica. **Áltera – Revista de Antropologia,** João Pessoa, v. 2, n. 7, p. 8–15, jul./dez. 2018.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política***:* ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, v. 1).

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo, Brasiliense, 2010.

FREITAS, Lélia de Almeida Arraes; RODRIGUES, Olira Saraiva. O cabelo como elemento da representação da identidade na criança em livros infantis. **Revista Literatura em Debate**, [S. l.], v. 19, n. 34, p. 40–53, 2024. DOI: 10.31512/19825625.2024.19.34.40-53. Disponível em: https://revistas.fw.uri.br/literaturaemdebate/article/view/4730. Acesso em: 30 maio. 2025.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira***: história e histórias*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução: Tânia Pellegrini. São Paulo: Vozes, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **A Mulher que Matou os Peixes**. Brasília: Ministério da Educação – FNDE – PNBE, 2005.

MARQUES, Maria. **Literatura Infantil Calon**: necropolítica,brincadeiras e narrativas de resistência. Comunicação oral publicada no Congresso da RAM – Reunião de Antropologia do Mercosul, 2025.

MARQUES, Maria. **A lagartixa defunta**. Ilustrações de Danillo Kallón. Porto Alegre: Ed. Lumina, 2025.

MARQUES, Maria. **As aventuras das meninas ciganas Cali e os discos encantados.** Ilustrações de Alice Storm. Porto Alegre: Ed. Lumina, 2025.

MARQUES, Maria Cristina. Literatura infantil Calon, exclusão necropolítica das brincadeiras e afirmação de uma epistemologia infanto-ciganóloga. In: **REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL**, 15., 2025, Salvador, BA. Anais eletrônicos da XV Reunião de Antropologia do Mercosul. Salvador, BA: UFBA, 2025. Disponível em: https://www.ram2025.sinteseeventos.com.br/anais/trabalhos/lista?simposio=136&utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 10 mar. 2026.

MARQUES, Maria. **O brincar, a educação e as crianças Calon do acampamento cigano de Quissamã, RJ**: uma fotoetnografia de brincadeiras e de aprendizagens. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MOONEN, Franz. **Anticiganismo**: os ciganos na Europa e no Brasil.3.ed. Recife: Edição do Autor, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível***:* estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SHIMURA, Mário Igor, ARAÚJO, Marivânia Conceição. Ser cigano, contatos interculturais e reelaboração identitária. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos; CHIANCA, Luciana de Oliveira (Orgs.). **Ciganos:** olhares e perspectivas. João Pessoa, Editora UFPB, 2019. p. 99-114.

TEIXEIRA, Rodrigo. **Ciganos em Minas Gerais**: breve história. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

TOYANSKY, Marcos. **Identidades ciganas**: origens, grupos e contextos. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos; CHIANCA, Luciana de Oliveira (Orgs.). **Ciganos:** olhares e perspectivas. João Pessoa, Editora UFPB, 2019. p. 15–37.

VILAR, Márcio. **Calon-Welten**: eine Ethnografie über das Leben, Sterben und Weiterleben bei Ciganos in Brasilien. Bielefeld: Transcript Verlag, 2020. 340 p. ISBN 978-3-8376-4438-8. Disponível em: https://doi.org/10.1436

SOBRE A AUTORA

Maria Marques
Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ,, Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo CEFET-RJ e graduada em Letras, com especializações em Língua Portuguesa e Língua Latina. Professora de Língua Portuguesa do município de Macaé, aposentada. Professora da rede pública do estado do Rio de Janeiro, atua na articulação entre literatura infantil, infância, educação e antropologia, com atenção voltada às infâncias Calon e às narrativas elaboradas a partir da convivência em campo. É autora de cinco livros infantis derivados do campo etnográfico de sua tese de doutorado, dedicados à visibilização das brincadeiras, das imaginações e dos modos de vida de crianças ciganas Calon. É líder espiritual e escreve sobre as crianças na Umbanda.
E-mail: mariacmarques2010@icloud.com

Artigo recebido em: 30/05/2025.
Artigo aceito em: 01/03/2026.